

K

Akadémicos

Suplemento integrante da edição nº 2186 de 04 de junho de 2026 do semanário JORNAL DE LEIRIA. Não pode ser vendido separadamente.

110

JL
JORNAL DE LEIRIA



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

”



Olga Roriz
Coreógrafa
e Bailarina

O diálogo entre
coreógrafa e intérprete
é muito engraçado

págs. 6 e 7

CULTURA

Jovens de Leiria exploram livros no TikTok





Nova etapa, mesmo propósito

A história do **Akadémicos** faz-se de muitas colaborações. O projeto, iniciado por um grupo de estudantes nos corredores da, então designada, Escola Superior de Educação de Leiria (ESEL), saiu pela primeira vez para a comunidade a 31 de março de 2005. Estes 21 anos foram feitos de inúmeras participações: estudantes, professores, parceiros que, em cada tempo e etapa, contribuíram para a construção do projeto.

Somamos hoje 110 edições, um número redondo que honra o que já foi feito e, simultaneamente, aponta para o que falta fazer. É, por isso, e sem-

pre, um projeto inacabado, experimental, que mantém como missão fundamental a formação de estudantes. Produzido no âmbito da licenciatura em Comunicação e Media, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, o jornal mantém a matriz inicial, laboratorial e oficial. Abordando muitas vezes temas da academia, não se apresenta como uma voz institucional, mas antes um produto editorial da responsabilidade da equipa, a quem compete definir o conteúdo e a forma de cada edição. A produção de cada número procura aproximar-se da rotina de uma redação, com as mesmas exigências, com as mesmas dificuldades, com as mesmas responsabilidades.

Construir hoje o **Akadémicos** apresenta desafios diferentes de há 21 anos. Novas realidades conjunturais, relacionadas com as dinâmicas de desinformação, o desenvolvimento tecnológico e a

inteligência artificial, bem como a própria polarização social, obrigam a cada vez maior rigor e compromisso ético, configurando-se o projeto como um espaço de desenvolvimento de competências de produção editorial e, paralelamente, de múltiplas competências de literacia crítica. Num contexto também marcado por novos desafios institucionais, o propósito mantém-se: a necessidade de inovação e experimentação de soluções, e o permanente diálogo com a comunidade.

O **Akadémicos** será agora distribuído em parceria com o *Jornal de Leiria*. Deixamos uma palavra de agradecimento ao *Região de Leiria*, com quem a publicação tem sido distribuída nos últimos anos, e que nos acolheu igualmente bem. Sorte tem o **Akadémicos** de poder contar com estas parcerias e com o exemplo de uma imprensa regional que procura renovar-se em tempos de tão grandes incertezas.



Ana Salazar,
Brigithe de Sousa,
Matilde Pereira
e Sara Ribeiro



5 de junho, Palácio dos Barões do Salgueiro, Terreiro PMDS integra programação do Festival A Porta

O coletivo PMDS, formado por Filipe Caetano e Pedro Sousa, apresenta o álbum "Música para Miradouros" a 5 de junho, às 19h00, no Palco Palácio, junto ao Palácio dos Barões do Salgueiro, no Terreiro. A proposta artística combina o registo *techno* e experimental com sons captados na ilha de São Miguel, proporcionando uma experiência imersiva ao público. O espetáculo faz parte da programação cultural do Festival A Porta, que promove diferentes expressões artísticas em vários espaços da cidade de Leiria, entre os dias 3 e 7 de junho.



9 de junho, Fontes, Leiria Caminhada noturna convida à observação de pirilampos

A Hike Land organiza no próximo dia 9 de junho a caminhada "Pirilampos na Nascente do Lis", em Leiria. A atividade convida os participantes a percorrer trilhos junto à nascente do rio Lis durante a noite, numa experiência dedicada à observação de pirilampos em ambiente natural. O percurso, de dificuldade fácil, tem cerca de quatro quilómetros e passa por zonas de floresta e campos na Serra da Maunça. O ponto de encontro será junto à capela de Nossa Senhora de Lourdes, na localidade de Fontes, em Leiria. As inscrições têm o custo de 10€ por participante e podem ser feitas *online* no site da Hike Land.

27 de junho, Peniche Corrida das Fogueiras regressa a Peniche

A 45.ª edição da Corrida das Fogueiras Professor Nuno Bello realiza-se a 27 de junho, em Peniche, e volta a juntar milhares de participantes num percurso iluminado por fogueiras ao longo das ruas da cidade. O evento inclui uma corrida de 15 quilómetros, a caminhada "Corrida das Fogueirinhas" de cinco quilómetros e ainda uma prova infantil de 500 metros. As partidas acontecem na Avenida do Porto de Pesca, a partir das 21h30, enquanto a corrida infantil decorre às 17h00. A iniciativa é também

conhecida pelo ambiente festivo junto ao mar e pela tradicional sardinhada oferecida no final da prova. Inscrições através do site corridafogueiras.pt.

27 de junho, Black Box Leiria "Começar tudo outra vez" chega a Leiria

O espetáculo "Começar tudo outra vez", interpretado por Raquel André e Tonan Quito, sobe ao palco da Black Box Leiria a 27 de junho, às 21h30. A peça de teatro propõe uma reflexão sobre recomeços, relações e identidade. Com texto de André Tecedeiro, em cocriação com Bernardo de Almeida, o espetáculo conta com interpretação em língua gestual portuguesa e audiodescrição. A encenação destina-se a maiores de 12 anos e tem a duração aproximada de duas horas. Informações disponíveis no site do Teatro José Lúcio da Silva.



Ficha técnica

Diretor Interino
Cláudio Garcia
direccao@jornaldeleiria.pt

Coordenadores Pedagógicos
Catarina Menezes
catarina.menezes@ipleiria.pt

Paulo Agostinho
paulo.agostinho@ipleiria.pt

Marco Gomes
marco.gomes@ipleiria.pt

Apoio à Edição
Alexandre Soares
alexandre.soares@ipleiria.pt

Marta Oliveira
marta.s.oliveira@ipleiria.pt

Projeto Gráfico
Leonel Brites
leonel.brites@ipleiria.pt

Maquetização
Leonel Brites

Redação e colaboradores
Ana Salazar, André Esteves, Beatriz Carvalho, Beatriz Silva, Beatriz Teodoro, Brigitte de Sousa, Guilherme Ferreira, Isa Marrazes, Jandira Tavares, José Ferreira, Juliana Lavaredas, Lara Antunes, Lara Patrício, Lara Pereira, Laura Brito, Laura Leal, Leonor Vieira, Madalena Oliveira, Margarida Paraíso, Margarida Sequeira, Marta Santos, Matilde Pereira, Rafael Marques, Sara Manso, Sara Ribeiro e Tatiana Faria.

Presidente do Politécnico de Leiria
Carlos Rabadão
presidencia@ipleiria.pt

Diretor da ESECS
José Carlos Marques
esecs@ipleiria.pt

Coordenadora do Curso de Comunicação e Media
Inês Conde Santos
ines.conde@ipleiria.pt

Os textos e opiniões publicados não vinculam quaisquer órgãos do Politécnico de Leiria e/ou da ESECS e são da responsabilidade exclusiva da equipa do Akadémicos.

akademicos.esecs@ipleiria.pt





ESTÁ
-a-
DAR

Estado de calamidade em discussão nos Ciclos de Comunicação 2026

Texto e foto **Juliana Lavaredas, Lara Antunes, Laura Leal e Leonor Vieira**

Num ambiente marcado pela reflexão sobre os desafios da comunicação em situações de emergência, a Fundação Caixa Agrícola de Leiria acolheu a 9 de maio a edição de 2026 dos

Ciclos de Comunicação. Estudantes, profissionais dos media e especialistas da área debateram questões como a comunicação de crise, a atuação dos meios de comunicação social e as dificuldades enfrentadas pela população durante a tempestade Kristin.

O primeiro painel reuniu representantes institucionais e especialistas das áreas da emergência e da comunicação, entre eles José Manuel Moura, presidente da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil, Sofia Lages Fernandes, especialista em

comunicação de crise, João Paulo Silva, chefe do Gabinete de Apoio à Presidência da Câmara Municipal de Leiria, e Helena Silva, assessora de comunicação na Associação Nacional da Indústria de Moldes. Analisaram-se as respostas dadas pelas entidades envolvidas, os impactos provocados pela tempestade e as orientações para uma comunicação eficaz em momentos de emergência e de crise.

Num segundo momento, o foco passou para o papel dos meios de comunicação social. Jornalistas e profissionais dos media partilharam experiências vividas no terreno, desde a dificuldade em comunicar sem rede móvel até ao impulso de apoiar diretamente as populações afetadas.

Para Nuno Correia de Brito, docente do IPLeiria e moderador de um painel, iniciativas como esta “são fulcrais



Conferência anual de Marketing motiva estudantes a conhecer o mercado de trabalho

Texto **Ana Salazar, Brigithe de Sousa, Matilde Pereira e Sara Ribeiro**

A Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG) de Leiria acolheu a 15 de abril uma conferência de Marketing com o objetivo de aproximar os alunos do mercado de trabalho e de promover o desenvolvimento pessoal. A iniciativa com periodicidade anual teve como tema “Under 30, Over the Top” e contou com a participação de oradores convidados de diferentes áreas profissionais.

Os participantes abordaram temáticas relacionadas com o Marketing, o desenvolvimento pessoal, a preparação para entrevistas de emprego, a construção de currículos, a empregabilidade e o desenvolvimento de competências. No final, uma ideia ficou clara: é necessário preparar os estudantes para o mercado de trabalho.

Segundo Cátia Inocência, vice-presidente do Núcleo de Estudantes de Marketing, o principal objetivo foi “motivar os alunos” e permitir o contacto direto com profissionais da área. “Se tiverem dúvidas, podem esclarecê-las com os oradores e perceber como alcançar o sucesso”, afirmou.

Em 2026, o evento apresentou um formato diferente, dividido entre palestras e *workshops*, procurando maior interação com os estudantes. “Achamos que assim é mais dinâmico e motivador”, acrescentou a responsável. A sessão incluiu momentos dedicados ao percurso de jovens profissionais, simulações de entrevistas e intervenções de empresários, com o objetivo de dar aos estudantes uma perspetiva prática.

Para Liliana Coutinho, coordenadora da licenciatura em Marketing, a conferência é “um ritual do curso”, sendo organizada todos os anos com base em temas sugeridos pelos próprios estudantes.

A docente destacou a importância do evento na preparação para o futuro profissional: “O mercado não procura só um licenciado em Marketing, mas pessoas com atitude, capacidade de adaptação e pensamento crítico”.

Do lado dos estudantes, a iniciativa foi vista como uma oportunidade de aprendizagem e contacto com o setor. David Arciniega, do 3.º ano da licenciatura, sublinhou que “as conferências ajudam a aprender e a desenvolver redes de contacto”, permitindo “expandir a visão sobre o Marketing”. **k**



para aproximar os estudantes da realidade da indústria da comunicação em Portugal, uma vez que permitem desenvolver competências práticas e promover o contacto com profissionais da área”.

Os estudantes envolvidos na organização consideram que os Ciclos de Comunicação voltaram a afirmar-se como um ponto de encontro entre a academia e o mundo profissional. Beatriz Carvalho, estudante de Comunicação e Media, notou que “o público presente esteve atento e preocupado diante do fenómeno das tempestades que têm assolado a região Centro”.

Os Ciclos de Comunicação são uma iniciativa dos finalistas da licenciatura em Comunicação e Media da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria. **k**

XXVI Real FesTA atrai jovens através da cultura e tradição

Texto **Guilherme Ferreira, Isa Marrazes, Laura Brito e Tatiana Faria**

O Real FesTA - Real Festival de Tunas Académicas a D. Dinis, o Trovador regressou a Leiria para a sua 26.ª edição, a 17 e 18 de abril, provando ser mais forte do que as intempéries que abalaram a cidade. Sob o tema “Caminhos de Portugal”, convocou tunas representantes de culturas de várias regiões do país, demonstrando que o espírito académico está presente em todo o lado.

Houve momentos que evocaram as “raízes do folclore e a alma do fado” e reforçaram um “compromisso com a preservação e a reinvenção das tradições culturais portuguesas”, como sublinha Maria Coutinho, presidente da Tum'Acanénica de Leiria e uma das organizadoras do evento.

A ideia de proximidade, raízes e tradições nacionais é partilhada pelos grupos convidados e, como refere Maria Coutinho, alimenta o fio condutor da iniciativa: “Manter vivo um legado que já atravessa décadas e que não queremos que se apague”.

Tiago Custódio, da Quantunna, Tuna Mista da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, descreve a experiência de integrar uma tuna como fazer parte de “uma família adotiva, com muitos colegas emprestados”, e afirma que olha para isso com “alguns sentimentos de ternura e carinho”.

Foi o sentimento de autenticidade que permitiu à organização superar os obstáculos que surgiram fora do palco. As fortes tempestades que atingiram Leiria não só danificaram infraestruturas, como também puseram à prova a resiliência dos envolvidos. “O Real FesTA surge como um momento de união”, observa Maria Coutinho, sendo um dos principais objetivos juntar pessoas através da cultura, da história e do espírito jovem.

A 26.ª edição do Real FesTA encerrou com um balanço focado na continuidade do festival d'O Trovador em Leiria. O evento deste ano ficou marcado por condições climáticas adversas, que exigiram um esforço acrescido de adaptação por parte da organização e dos estudantes. Apesar do mau tempo, a programação foi cumprida, assegurando a preservação desta tradição da comunidade académica local. **k**





DIGITAL

Quando os livros entram no TikTok

Das estantes para as redes sociais, as conversas sobre leitura acontecem cada vez mais *online*. Beatriz Botelho e Ana Santos fazem parte dessa transformação ao conquistarem espaço no *BookTok*, a comunidade literária do TikTok. Entre recomendações de livros e comunidades de leitores, estes criadores de conteúdo aproximam jovens da leitura, com impacto no mercado editorial.

Texto Jandira Tavares, Lara Pereira, Margarida Paraíso e Sara Manso

As páginas abrem-se entre suspiros, frases sublinhadas e reações emocionais. Um vídeo começa com alguém a segurar um livro contra o peito e diz: “Este destruiu-me”. Noutro, uma pilha de romances surge ao ritmo de uma música viral. Há quartos repletos de prateleiras, capas coloridas em frente à câmara. Este é o *BookTok*, uma comunidade dentro da rede social TikTok, em que o gosto pela leitura é partilhado por milhões de utilizadores.

A lógica do algoritmo faz com que os mesmos títulos se repitam até se tornarem familiares, criando uma sensação de urgência: a ideia de que aquele livro tem de ser lido imediatamente. Para Jéssica Tavares, leitora e consumidora deste tipo de conteúdos, o *BookTok* funciona como um espaço de pertença. “É como fazer parte de um clube”, afirma. É esta sensação, este lugar onde a diversidade de opiniões se torna num espaço de partilha, que une os leitores e os faz conectarem-se.

Neste espaço, o livro deixa de ser apenas texto. Torna-se imagem, emoção e conversa, pela mão de criadores de conteúdo que utilizam as redes sociais para iniciar o diálogo.



Criar conteúdo

Beatriz Botelho começou a falar sobre livros nas redes sociais há dois anos e olha para os seus seguidores como um grupo de amigos. A criadora de conteúdos indica não precisar de muito. Com o tripé preparado e uma boa iluminação, senta-se em frente à câmara, com um fundo repleto de livros, e começa mais um vídeo, conforme planeado. “Não tenho o melhor microfone, não tenho a melhor câmara, não tenho o melhor cenário, não tenho nada e mesmo assim tenho uma comunidade incrível”, conta. Licenciada em Comunicação e Media, no Instituto Politécnico de Leiria, acaba por trazer um pouco daquilo que faz profissionalmente para o *BookTok*: design digital. Foi da necessidade de partilhar e receber opiniões literárias que decidiu começar a criar conteúdos digitais.

Também Ana Santos, licenciada em Marketing no Instituto Politécnico de Leiria, encontrou no *BookTok* um espaço para partilhar uma paixão que antes vivia de forma solitária. Ao contrário de Beatriz, Ana não planeia os vídeos. “Eu li, gostei, partilho. Não gostei, partilho também”, refere. “É como se a câmara fosse uma amiga”.

Criar conteúdos sobre livros implica gravar vídeos, editar e gerir parcerias. Ana Santos explica como aborda cada vídeo de forma diferente: se for um *unboxing*, foca-se mais na edição; no caso das *reviews*, concentra-se mais no texto e mantém um tom mais sério. A criadora de conteúdo aplica os seus fundamentos profissionais para definir este método. “Sou da área do Marketing, então acabo por já ter algum conhecimento”.

Com o crescimento das contas, surgem colaborações com editoras e livrarias. Beatriz descreve a sua rotina numa livraria: “É entrar, beber o meu café, gravar a campanha e recolher o livro do mês.”

“Eu tento fazer um equilíbrio saudável entre as duas coisas”, conta a *BookToker*, relativamente à autenticidade em contraponto com as tendências. É desta forma que ambas indicam partilhar o conteúdo, com a preocupação de não ceder à pressão de terem de “gostar daquilo que as editoras enviam”, como refere Ana

Santos. Perspetivar a leitura como um “*hobby* interessante e não como uma coisa aborrecida” é também um objetivo para Ana.

Os consumidores deste tipo de conteúdo são atraídos pela autenticidade e, como explica Márcia Fernandes, pela “forma de contar histórias”. Lara Mariano refere que, com o aumento do preço dos livros, quer ter a certeza de que escolhe com consciência. “Se é para gastar dinheiro num livro, quero comprar um livro de que goste”. A consumidora considera que estas micro-influenciadoras a ajudam na decisão.

Leituras que entram pelo ecrã

Lara Mariano observa que o conteúdo digital sobre livros é uma maneira de formar novos leitores, que começam a ler “por moda e depois acabam por gostar”. Maria José Gamboa, professora da ESECS, especialista na área da leitura, concorda com esta afirmação, referindo que “os criadores de conteúdo digital podem ser aliados extraordinários para a promoção da leitura e para a formação de leitores”. Assim, a ideia de que os jovens não leem começa a ser posta em causa, não apenas por números, mas também por quem acompanha de perto o mundo dos livros.

A Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) confirma esta perceção: em 2024, os jovens entre os 25 e os 34 anos leram mais do que no ano anterior, e entre 2020 e 2025 a venda de livros apresenta uma tendência crescente, tendo-se verificado no final de 2025 cerca de 15 milhões de livros vendidos. Ainda assim, a realidade é complexa. A professora lembra que muitos inquéritos continuam a apontar para um défice de leitura, sobretudo de literatura e jornais. Em contrapartida, destaca o crescimento do mercado editorial e observa que “os festivais literários são





© opendoodles.com

cada vez em maior número”, bem como os clubes de leitura, sinais de que o interesse pela leitura existe, ainda que se manifeste de novas formas. Uma dessas formas passa, cada vez mais, pelas redes sociais.

A docente refere que “os jovens que leem em formato analógico leem, igualmente, em formato digital”. As redes sociais contribuem para a difusão de livros e para a construção de uma imagem social da leitura.

Os criadores de conteúdos, defende, não se limitam a promover livros. Muitos desenvolvem um trabalho consistente, baseado na reflexão e no pensamento crítico. “Há gente a gerar conteúdos comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, livre e igualitária”, sublinha. Maria José Gamboa considera que o *BookTok* pode estar a influenciar o mercado editorial, “o que não é necessariamente uma prática negativa”. Para a docente, é, no entanto, importante que os novos criadores de conteúdos digitais sobre livros “tenham consciência do papel social e cultural que podem desenvolver”. A professora reflete sobre a importância de “fintar o algoritmo, caso contrário nunca nos confrontaremos com ideias diferentes das nossas. E essa capacidade de pensar, crítica e empaticamente, a partir da perspetiva do outro é fundamental”. Nesse sentido, “quanto mais diversificado for o percurso de leituras dos jovens, maiores serão as possibilidades de se formarem enquanto leitores, com possibilidade de escolher e de escolher ler com bom gosto”, conclui.

Vídeos que vendem livros

Nas livrarias, o impacto das redes sociais é acompanhado com atenção. Alexandra Vieira, proprietária da livraria Arquivo, considera que falar sobre livros “é sempre bom, é tornar a leitura uma forma de estar natural e não um bicho de sete cabeças”. A proprietária defende, no entanto, a importância de refletir antes de seguir modas e sublinha que o contacto humano continua a ser essencial no

momento da compra e que as redes sociais funcionam como complemento, não como substituto das livrarias. “A solidão é cada vez maior, em todas as idades, e é preciso que haja espaços onde as pessoas se possam sentir bem e acompanhadas”, reforça.

Neste contexto, as livrarias assumem-se como mediadoras culturais, equilibrando a influência das redes sociais com a curadoria, o aconselhamento e a criação de comunidades leitoras.

Também Maria José Gamboa acredita que o mercado editorial terá de encontrar equilíbrio entre os criadores digitais e a crítica literária tradicional. Para a professora, é importante estar “atento a uns e a outros, sem abandonar a reflexão crítica sobre literatura”.

Influência com consciência

A responsabilidade associada à recomendação de livros a públicos jovens surge como uma preocupação transversal entre criadores de conteúdos. Beatriz Botelho tem consciência de que muitos dos seus seguidores são menores. “Tenho sempre algum cuidado, porque sei que me acompanham várias pessoas que ainda não têm 18 anos”, explica.

A relação com as editoras levanta igualmente questões de transparência. Beatriz garante que a autenticidade orienta o seu trabalho: “Aquilo que eu acho é aquilo que vou dizer. Aliás, aconteceu este ano. O pior livro que eu li este ano foi enviado por uma editora e eu fiz um vídeo sobre isso. E não perdi a parceria, está tudo bem”. Ana Santos assume uma atitude semelhante, embora opte por uma linguagem menos dura. “Nunca faço uma crítica destrutiva. Nunca. Digo que não foi para mim, mas será claramente para alguém”.

Enquanto criadoras em língua portuguesa, assumem também um compromisso com a divulgação de autores nacionais. “Acho que é importante usarmos este espaço para falar sobre o que os autores portugueses estão a escrever”, defende Beatriz. Ana Santos refere que, quando partilha livros em inglês, tem o cuidado de “dizer que a tradução já está publicada, ou vai ser publicada”.

Num espaço dominado pelo algoritmo, estas escolhas mostram que o *BookTok* não é apenas consumo rápido; é também um território de decisões éticas. “Precisamos de formar gente apaixonada por livros que saiba divulgá-los com sentido ético e estético”, defende Maria José Gamboa, destacando o potencial transformador dos livros literários e da promoção da sua leitura.

Assim, a leitura no século XXI afirma-se como uma prática em transformação. Entre algoritmos, estantes físicas e comunidades digitais, ler deixou de ser apenas um ato solitário. Tornou-se partilha, identidade e, em alguns casos, trabalho. **k**

Diabo Veste Prada 2

Lutar pela sobrevivência do jornalismo em saltos altos



KULTOS

Beatriz Carvalho e Beatriz Teodoro

Anne Hathaway regressa aos cinemas como Andrea Sachs (“Andy”), 20 anos depois do lançamento do clássico que apresentou ao mundo os bastidores da revista *Runway*. O *Diabo Veste Prada 2*, porém, é muito mais do que apenas uma sequência nostálgica com o elenco original e uma banda sonora que se aproxima da geração atual. É um retrato da realidade dos dias de hoje para amantes do jornalismo e da moda. A narrativa reflete sobre os desafios das novas tecnologias e da área da comunicação, evidenciando o crescimento das personagens principais, enquanto promove uma reflexão sobre a passagem do tempo. Andy, após ter abandonado o seu trabalho enquanto assistente na *Runway*, torna-se uma jornalista de sucesso, como sempre quis, apesar do declínio da imprensa tradicional enfatizado desde o início do filme.

A mudança de contexto trouxe alterações ao papel de Meryl Streep, que interpreta a editora da revista, Miranda Priestly. A edição impressa deixa de ser uma realidade, num cenário de incerteza dominado pelo imediatismo das redes sociais e do digital. A personagem icónica e implacável vê-se forçada a lutar pela sobrevivência da *Runway*, reformulando o seu conteúdo de acordo com os interesses e as exigências do leitor. Emily, primeira assistente no filme original, representada pela sua homónima, Emily Blunt, também evoluiu, alcançando uma posição de destaque enquanto executiva da marca Dior.

A realização de David Frankel devolve ao espetador a energia que imortalizou o primeiro filme. Entre a moda e o glamour, é representada a luta pelo domínio do setor editorial. Mas, num universo cinematográfico marcado pelo poder e o luxo, cruzam-se os fantasmas que assombram, atualmente, o mundo da comunicação: a erosão do jornalismo e o crescimento da inteligência artificial (IA). A frustração de Andy, enquanto profissional em crise, e o combate de Miranda contra o idadismo demonstram como o progresso da IA pode abalar convicções e a criatividade humana. **k**



© opendoodles.com



SENTADO
NO
MOCHO



Temos de nos pensar melhor, lutar contra a ideia que coloca os corpos seniores de parte



Olga Roriz
Coreógrafa e Bailarina

O Teatro José Lúcio da Silva acompanhou vários momentos decisivos da sua vida artística. Foi naquele palco que, ainda estagiária do Ballet Gulbenkian, interpretou pela primeira vez um papel principal em digressão. Mais tarde, apresentou ali “A Sagração da Primavera”, pouco antes de parar forçosamente de dançar por motivos de saúde. No final de abril deste ano, regressou ao palco de Leiria com “O Salvado”, num reencontro que descreve como “um ciclo” da própria vida.

Texto Beatriz Silva, Madalena Oliveira, Margarida Sequeira e Rafael Marques

Em que altura compreendeu que a dança teria um papel determinante na sua vida?

Desde muito pequenina dançava. Bem, a maior parte das crianças dançam. Só que eu dançava de uma outra maneira. Eu estava num jardim infantil, na altura, em Viana do Castelo e a professora falou com os meus pais: “Esta menina tem de ir para a dança, porque ela está sempre a dançar”. Mas não era só dançar. Eu gostava de mostrar aquilo que dançava. É nesse sentido que a professora dizia sempre aos meninos e às meninas que se dormissem a sesta, a Olguinha dançava. Aquilo cresceu dentro de mim, não foi nada que eu procurasse. Não foi nada que veio do exterior.

Considera que o contexto familiar em que viveu foi decisivo para o desenvolvimento da sua carreira artística?

Sem dúvida. Os meus pais gostavam muito de artes e tinham uma mentalidade avançada. Nos anos 60, em minha casa, lembro-me que, por vezes, acabávamos de jantar e a minha mãe ficava a ler o jornal enquanto o meu pai ia para a cozinha lavar a loiça. Eu cresci com isto, com esta flexibilidade de regras. Ele também cozinhava e vi-o muitas vezes coser botões das camisas. A minha mãe era jornalista, mas sempre quis ser atriz. O meu pai era muito sensível à literatura e ao cinema. Eles acreditavam que aquela miúda tinha qualquer coisa de especial relacionada com esse *métier* da dança. Com três ou quatro anos fui para Lisboa com a minha mãe e a minha irmã – em Viana do Castelo não havia nada. Podíamos ter ido para o Porto, mas eles acharam que era melhor a capital. O meu pai ficou nos estaleiros navais de Viana do Castelo. Não podia deixar de trabalhar, era um dos sócios fundadores. Todos os fins de semana viajava para Lisboa. Esta mudança modificou imenso a família. Por um lado, foi muito duro em termos financeiros. Ainda que fossemos uma família de classe média, era difícil sustentar duas casas, dois carros e viagens constantes. Por outro lado, os meus pais ficaram apaixonados a vida inteira, pois só se viam aos fins de semana. Foi muito interessante! No fundo, os meus pais deram-me a possibilidade de crescer com a dança dentro de mim, entenderam essa condição e isso foi um privilégio. Depois, havia a vontade da minha mãe em ser atriz e nunca ter conseguido, com um pensamento do tipo: “Eu não consegui, ela vai conseguir, vamos investir o máximo”.

O que representou o Teatro São Carlos na sua formação?

Ingressei com cinco ou seis anos na escola particular da Margarida de Abreu. Por volta dos oito, ela disse aos meus pais que eu já não estava lá a fazer nada, tinha de ir para uma escola a sério. E logo entrei no Teatro São Carlos. Foi nessa altura que perguntei à minha mãe quem fazia as danças dos bailarinos. Ela respondeu que eram os coreógrafos e eu disse que queria ser coreógrafa. Para mim, Lisboa era uma espécie de conto de fadas. E eu entrava nesses contos de fadas, não precisava de ler os livrinhos que retratam esse imaginário. A partir dos dez anos comecei a participar nas próprias óperas. Não se tratava de figuração, pois na escola já fazia algumas partes da dança. A orquestra, o coro, os figurinos, os cenários, as músicas, era tudo muito forte. Aquele lado do barroco, de Wagner a Verdi, era impactante. Em muitas ocasiões via de fora, outras entrava no espetáculo. Tudo aquilo era um *glamour*, conhecia os ‘grandes’ da altura, a Margot Fonteyn, o Rudolf Nureyev. Passou-me tudo ali no bar do Teatro São Carlos. Foi um grande crescimento, um pouco à imagem daquilo que eu acho que se deve fazer com os mais novos: colocá-los em contacto com a cultura, exposições, teatros, cinema, e depois falar sobre isso. É muito importante falar da experiência cultural. Não é só levar e acabou. Fui muito espiciada criativamente. A dança é uma disciplina muito forte, mesmo violenta para uma adolescente, mas eu nunca perdi a criatividade porque via muitos espetáculos.

É correto afirmar que começou a pensar a dança muito cedo? Há muitas diferenças entre a Olga que pensava a dança enquanto bailarina e a Olga que pensa a dança como coreógrafa?

Como intérprete, o espaço é mais comprimido, limitado no sentido em que não se cria o espetáculo, não se obteve a primeira ideia, ainda que se tenha de contar uma história, a própria história daquele intérprete – tem de se criar um percurso dentro da peça. E eu estive muito pouco tempo nessa posição, unicamente nessa posição. Aos 24 anos já estava a coreografar para o Ballet Gulbenkian. Encontrei-me rapidamente numa situação mista: dançava para os outros coreógrafos ao mesmo tempo que estava a coreografar as minhas próprias peças. Talvez se possa dizer que coreografar está mais perto da caça à ideia, como o instinto animal, quando o teu olhar, cheiro e ouvido se transformam num sentido maior, um sentido à espera da presa, à espera da ideia. É um modo de atuar diferente do intérprete, que está só a sentir numa dimensão mais interior, apesar de ter de perceber o que está à sua volta. A coreógrafa vai sugar de fora. Quando se juntam, intérprete e criadora, é engraçado. É selvagem. E é também interessante perceber como é que a intérprete, depois de conhecer as ideias da coreógrafa, as modifica. Essa transformação pode ocorrer porque não concorda, quer ir para um lado e a coreógrafa para outro, porque não consegue seguir o caminho da criadora ou descobriu outras coisas que a coreógrafa tinha na cabeça e não consegue materializar. O diálogo entre coreógrafa e intérprete é muito engraçado.

A Olga trabalha com várias línguas e culturas, com pessoas de diferentes lugares. Qual é o real impacto dessa diversidade nas suas criações?

Obviamente que eu não conseguia realizar o trabalho que tenho vindo a fazer, sobretudo na minha companhia, se não fosse essa partilha e esse contacto. Mas o que é, para mim, importante é o mundo interior de cada uma dessas pessoas com quem trabalho, acima de tudo as diferenças, e não tanto se é inglesa, francesa ou portuguesa. Isso não me interessa! Agora, por exemplo, vou trabalhar com um

© Estella Valente / São Luiz Teatro Municipal



grupo de intérpretes de várias idades, uma bailarina de 50 anos, outro perto dos 40, um outro no início dos 30, uma de 22 e outro de 23. A diferença de gerações é, neste caso, muito importante. O tema que eu possa dar a cada um desses intérpretes tem um universo e uma ideia diferentes. Serão diversas as experiências e as respostas às minhas questões, como são diferentes as questões que cada elemento do grupo me coloca. Uma mulher de 50 anos não tem, hoje em dia, as mesmas questões que uma rapariga de 20. Isto não quer dizer que uma está no seu tempo e a outra não. Não concordo nada com aquela expressão "pois, no meu tempo...". Estamos mortas? O tempo de todas as pessoas vivas é agora, de maneiras e com impactos diferentes, obviamente. São muito bonitas estas diferenças de perspetivas.

Enquanto coreógrafa, sente que o seu trabalho passa também por conduzir os intérpretes para além dos seus próprios limites físicos e emocionais?

Durante a minha carreira, tive dois períodos distintos. O período do Ballet Gulbenkian, que ainda foram 20 anos, onde eu trabalhava com os bailarinos do ponto de vista mimético; eu passava os movimentos do meu corpo para o corpo deles, era um processo que decorria muito daquilo que eu tinha e queria dar fisicamente, o tal momento que me permitiu construir a minha linguagem física, aquela que ia transmitindo para os bailarinos. O coreógrafo tem uma linguagem que está relacionada com o seu corpo, colidindo, por vezes, com quem (os bailarinos) tem um corpo muito diferente do seu. Logo, é preciso trabalhar ao nível de diversas dinâmicas, como as formas de ouvir música ou a perceção das respirações, por exemplo. O ideal é o bailarino conseguir absorver o coreógrafo, a maneira de ser, de estar, de mexer, de respirar e de ouvir o coreógrafo. É um trabalho muito duro.

Porque teve necessidade de fundar uma companhia, a sua companhia?

Não mudei por uma razão específica, mudar para ter uma companhia. Fui mudando ao longo dos anos em que fui fazendo solos, encarados enquanto momento de clivagem. Os solos constituíram um momento de transformação do meu processo e método de trabalho. Passei a trabalhar pela improvisação. Eu improvisava, filmava-me e, depois, arrependia-me. E pensei: "Era assim que gostava de trabalhar com os bailarinos". Mas não havia tempo, pois este método implica meses de duração. Na Gulbenkian, em quatro ou cinco semanas fazia-se uma peça. Em suma: com os meus bailarinos já podia trabalhar desta forma mais demorada e, sobretudo, improvisada. Não faço nada para eles fazerem, não lhes digo nada. Vou sugerindo aos bailarinos que coloquem em movimento aquilo que vamos falando e pesquisando. Há uma pesquisa anterior muito forte para cada tema. E eles vão improvisando. Há aqui uma exigência maior ao nível da linguagem física e emocional. O maravilhoso deste processo é que eles levam para o palco a verdade deles próprios. Do ponto de vista físico, não vem de mim, antes daquilo que eu vou passando enquanto ideia e fio condutor e da manipulação que, depois, faço de todo o material. Os bailarinos vão para o palco fazer aquilo que saiu do seu corpo. É com essa matéria que eu trabalho.

Quantas Olgas ou quais as Olgas estão no recente espetáculo "Salvado"?

Eu acho que ela está lá inteirinha. Com aquilo que agora pode, o que não pode e com uma coisa muito bonita que eu acho que o público não conhecia: o meu sentido de humor, as minhas brincadeiras, os meus cortes, as brincadeiras comigo mesma. Faz-me lembrar a minha mãe, com quem estávamos sempre a rir. Era muito engraçada. Eu tive sempre um comportamento mais contido, sempre muita coisa interior em palco. Desta vez desfaço

essa parede que sempre me acompanhou, falo com o público. O espetáculo envolve momentaneamente as pessoas em determinadas questões, temas, para logo a seguir eu baralhar tudo. A ideia é mesmo essa, não centrar as atenções apenas em mim. Por isso decidir falar de um filme, de música. O "Salvado" é sobre um percurso, resulta de seis residências artísticas que adorei fazer e, inicialmente, até pensei em continuar apenas nesse registo, isto é, nunca chegar ao espetáculo. Mas não. Depois, em Lagos, vi um documentário sobre o planeta que mexeu comigo. E aí pensei que também era importante falar de uma coisa macro que tem a ver com todos nós, o planeta.

Porquê o nome "Salvado"?

Tem a ver com aquilo que se salva deste drama que é, digamos, a nossa vida. As coisas que foram ficando em nós. Não é bem o nosso sótão. São aquelas coisas que trazes contigo. Não tem que ver com memórias, antes com o agora. Quero muito trabalhar o agora, mas com aquilo que está agarrado.

Sendo um espetáculo com uma dimensão tão autobiográfica, nunca teve receio da exposição pessoal que isso poderia implicar?

Não. Eu sou muito esperta. Sei perfeitamente o que estou a fazer. Eu sei que quanto mais autobiográfico, melhor seria. Quanto mais eu me expusesse de uma maneira que eu achasse que era interessante, inclusive a nudez um bocado arrebatadora, melhor. Mas é aí que eu me acho interessante. Não é verem mais uma bailarina a dançar, é conhecerem esta pessoa. E eu acho que se sai do espetáculo conhecendo um bocadinho a Olga de uma outra maneira. É essa autobiografia que, não tendo a ver com as memórias – é uma coisa diferente –, constitui a pedra de toque do espetáculo. É aquilo que eu vou dando que se torna o ponto de interesse do espetáculo.

No momento dos agradecimentos e aplausos, referiu que "O Salvado" é "um espetáculo para corpos que prestam e para corpos que já não prestam". O que quer dizer exatamente com esta ideia?

Falei nisso a propósito do Dia Mundial da Dança e não tanto no âmbito do "Salvado", apesar de que, neste espetáculo, se pode ver uma bailarina com 70 anos a fazer um solo. É um risco e, simultaneamente, uma ideia ganhadora. Não é muito normal. Entrevistei várias mulheres com 80 anos ao longo da produção do "Salvado" para perceber onde é que estavam os seus corpos. E aqui está um pouco implícita a ideia do risco porque fechamos o nosso corpo sempre mais. Fechamos. Acabou. Já não presta. Já não faz nada. Temos de nos pensar melhor, lutar contra a ideia que coloca os corpos seniores de parte. Adoro os corpos bonitos cheios de força e energia. Mas também há espaço para outros, ou melhor, não é só uma questão de espaço, mas antes de riqueza. É uma riqueza que se abre à dança e não fica confinada ao *young and beautiful*.

Falou-nos de uma ligação especial ao Teatro José Lúcio da Silva associada a momentos decisivos da sua carreira. Pode explicar melhor?

Fui a Leiria com o Ballet Gulbenkian fazer a minha estreia enquanto intérprete do papel principal. Foi a primeira vez que dei um autógrafo. Depois voltei a passar com o Ballet Gulbenkian noutras alturas, até subir ao palco em outras tantas ocasiões com a minha companhia. Em 2013 estreei a "Sagração da Primavera", em Leiria, foi último espetáculo que fiz da digressão inteira. Nessa altura descobriram que eu tinha uma doença autoimune e disseram-me que não podia dançar mais. Portanto, a última vez que eu morri na "Sagração da Primavera" foi no Teatro José Lúcio da Silva. Mas, depois, ressuscitei e pensei que tenho de continuar a fazer.

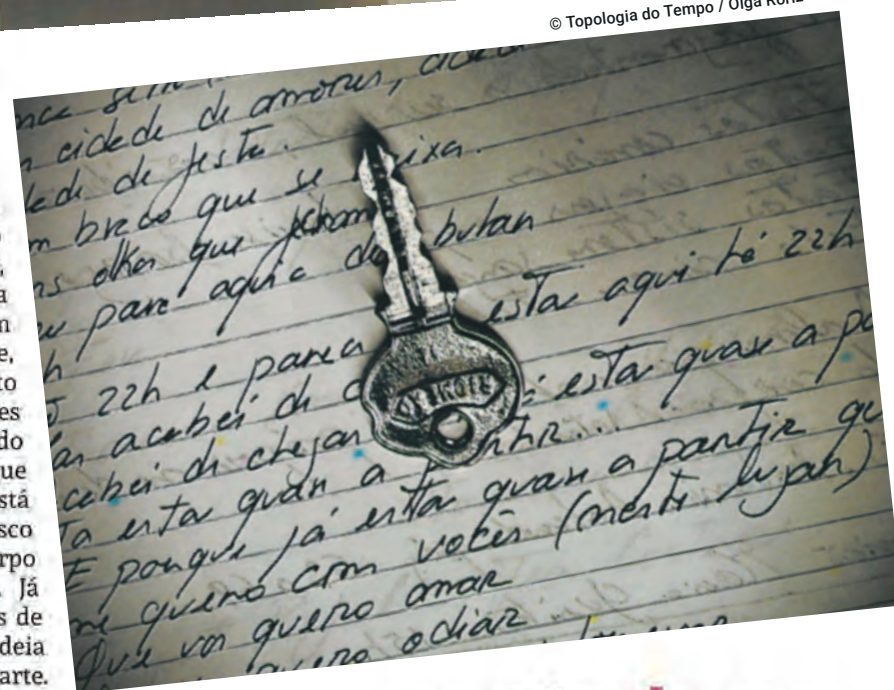
Ainda vê a dança como uma forma de salvação?

Eu acho que qualquer artista se salva de muitas coisas. Salva-se desta rotina vazia da vida. A minha cabeça está sempre muito cheia de pensamentos. É uma constante situação de exorcização, mesmo de desgosto, de morte, desgosto de amor. Aquilo vai tudo para ali, vai tudo para a peneira e passa e acabou, reciclou, não esqueço, mas resolvo. Estou sempre a resolver as situações boas e más. Portanto, sim, vai-me salvando a vida, sim. A arte em geral. E quando tu não a fazes, por favor, usufrui dela, porque ela também cura. **k**

© Topologia do Tempo / Olga Roriz



© Topologia do Tempo / Olga Roriz



contrakapa

Ouve já em
akademicos.ipleiria.pt/contrakapa



Ana Salazar,
Brigithe de Sousa,
Matilde Pereira e
Sara Ribeiro

7.ª EDIÇÃO DO CAMPEONATO NACIONAL MULTIPLI

O Campeonato Nacional Multipli vai decorrer a 11 de junho na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, onde são esperados alunos de várias escolas do país. O evento é dirigido a alunos do 3.º ao 6.º ano

do ensino básico, pretende incentivar o gosto pela Matemática através de jogos e desafios de cálculo mental e é organizado pelo Politécnico de Leiria em parceria com a Alfiii.

V CONGRESSO INTERNACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS

O V Congresso Internacional de Cuidados Paliativos realiza-se a 12 e 13 de junho, na Escola Superior de Saúde de Leiria. O encontro pretende sensibilizar para a importância dos cuidados paliativos, promovendo a dignidade e a qualidade de vida das pessoas com doenças crónicas ou em fim de vida. Com o lema "Sem deixar ninguém para trás", destaca o papel das comunidades no apoio aos doentes, cuidadores e famílias, e pretende reforçar que cuidar é uma responsabilidade de todos. As inscrições têm o custo de 15 euros, a favor do Projeto Leiria Compassiva.

PRÉMIO PEDRO MATOS 2026

O Politécnico de Leiria promove mais uma edição do Prémio Pedro Matos, um concurso na área da matemática dirigido a alunos do 3.º ciclo do ensino básico e secundário. Com o tema "Matemática sem barreiras", a iniciativa pretende estimular a criatividade e o interesse pela disciplina, incentivando projetos inovadores e acessíveis a todos. A entrega dos trabalhos pré-inscritos deve ser feita até 15 de junho. Os melhores projetos serão premiados e apresentados no evento Mat-Oeste 2026.

PRÉMIO FERNÃO MENDES PINTO 2026

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) promove o Prémio Fernão Mendes Pinto, que distingue dissertações de mestrado ou doutoramento que contribuam para a aproximação entre comunidades lusófonas. A iniciativa valoriza trabalhos académicos com impacto cultural e social no espaço de língua portuguesa que tenham sido apresentados em 2025. O prémio da dissertação vencedora tem o valor de 8.000 euros e as candidaturas estão abertas até 31 de junho.

COMUNIDADE

Projeto criado na ESECS reforça apoio a famílias afetadas pela tempestade

A Associação *2nd Chance*, criada em outubro de 2024 no âmbito de uma dissertação de mestrado da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) de Leiria, registou um aumento de pedidos de apoio após a passagem da tempestade Kristin. Através de uma loja social gerida *online*, a associação já apoiou 25 famílias, num total de 74 pessoas.

O projeto surgiu pela mão de Helena Alves, à altura estudante do mestrado em Direção e Gestão de Organizações de Intervenção Social, que procurava desenvolver uma iniciativa ligada à solidariedade social, sustentabilidade ambiental e economia circular. "Queríamos criar algo com margem para crescer e que pudesse

vir a abranger diferentes áreas de apoio social", explica.

Embora a divulgação, gestão dos pedidos e contacto com as famílias sejam feitos digitalmente, a associação trabalha com bens físicos, como roupa, artigos para o lar, material escolar e outros produtos essenciais. Depois de preencherem um formulário digital, as famílias recebem um catálogo com os artigos disponíveis e selecionam aquilo de que necessitam.

O objetivo passa por "ajudar pessoas que, apesar de terem rendimentos, muitas vezes não conseguem fazer face a todas as despesas", esclarece o outro fundador do projeto, Nicolai Nazarov. Atualmente, a associação conta com seis voluntários, entre os 16 e os 64 anos.

Segundo os responsáveis, até ao momento, foram doados cerca de 5.906 bens, com uma taxa de aproveitamento próxima dos 94%, após processos de triagem, limpeza e recuperação. No período pós-tempestade foram apoiadas mais 11 pessoas e recebidas doações em maior quantidade, incluindo roupa e alimentos.

Além do apoio social, a *2nd Chance* pretende desenvolver projetos ligados à proteção animal e à sensibilização para a violência doméstica e no namoro. No entanto, a inexistência de um espaço físico continua a ser a principal dificuldade. "Abrir uma loja física seria a nossa maior vitória neste momento", afirma Helena Alves.

Sem apoios institucionais, a *2nd Chance* continua a crescer através de doações da comunidade e do trabalho voluntário, procurando afirmar-se como uma "segunda oportunidade" para quem enfrenta situações de fragilidade social. **k**



A FECHAR

André Esteves,
José Ferreira,
Lara Patrício
e Marta Santos

DESPORTO

Títulos nacionais em várias modalidades e apuramento para o europeu de futsal

Texto Beatriz Silva, Madalena Oliveira, Margarida Sequeira e Rafael Marques

O Politécnico de Leiria encerrou da melhor forma mais uma temporada desportiva e os resultados alcançados não deixam margem para dúvidas: títulos nacionais em futsal masculino (coletivo), natação pura, atletismo (individuais) e kickboxing, além de outros 14 pódios em diversas disciplinas. O balanço geral é muito positivo: no âmbito das 65 academias inscritas na Federação Académica do Desporto Universitário, o IPLeiria terminou a época na oitava posição em termos de medalheiro e em nono lugar quando se observa a contabilidade do troféu universitário de clubes (980,75 pontos).

Os novos campeões nacionais de futsal masculino qualificaram-se em primeiro lugar (6 pontos) num grupo que, em Viseu, incluía, além dos leirões, a Universidade da Maia, o ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa e o Instituto Superior Técnico (Grupo A). Depois de terem derrotado, na meia-final, a AEFEUP (Faculdade de Economia da Universidade do Porto) por 2-1, a formação do Lis superiorizou-se à congénere do Instituto Politécnico de Coimbra por 4-3.

O futsalista Rodrigo Raposo descreve o ano como "uma época histórica" e refere que os resultados surgiram do "trabalho, dedicação e união do grupo". Perante a perspectiva de disputar pela primeira vez

o Campeonato Europeu Universitário, o estudante de Gestão encara o desafio com muita "ambição, mas também com humildade".

Henrique Gavina (pista ar livre – lançamento do disco), Vera Goucha (pista curta – lançamento do peso), Isa Ferreira (pista curta – 3.000m marcha), Camila Silva (pista ar livre – lançamento martelo) e estafeta de 4x100m (pista ar livre), constituída por Diogo Camacho, Ernesto Rodrigues, Frederico Curvelo e Tiago Gomes, sagraram-se campeões nacionais de atletismo. Isa Ferreira, estudante do CTeSP em Intervenção Social e Comunitária, acredita que "houve mais adesão ao desporto universitário", fator que explica, na sua opinião, os bons resultados.

O nadador Francisco Vieira (50m mariposa e 50m livres) e a kickboxer Julia Carlini (Kick Light <55kg e K1 <56kg) completam o lote de estudantes-atletas que conquistaram títulos nacionais com as cores do Politécnico de Leiria. O estudante da Escola Superior de Tecnologia e Gestão admitiu que o "ponto mais alto foi o recorde em Leiria, nos

50m mariposa", reconhecendo, porém, que a época também ficou marcada por desafios pessoais, sobretudo após um problema de saúde que dificultou o regresso ao rendimento habitual. **k**

NOTION

É uma plataforma digital gratuita de organização cada vez mais popular entre estudantes universitários. Permite criar apontamentos, calendários, listas de tarefas e até páginas colaborativas para trabalhos de grupo. O design minimalista e a facilidade de personalização tornam-no uma excelente alternativa às tradicionais *apps* de notas.



ON LINE

Juliana Lavaredas,
Lara Antunes,
Laura Leal e
Leonor Vieira

DOWN FOR EVERYONE OR JUST ME

Ajuda a perceber se um *site* está realmente fora de funcionamento ou se o problema é apenas da ligação do utilizador. Disponível gratuitamente em downforeveryoneorjustme.com.

COPY TEXT ON SCREEN

É uma aplicação móvel que permite copiar texto diretamente de imagens ou do ecrã, utilizando tecnologia de reconhecimento de texto. É útil para tirar notas ou guardar informação que não dá para copiar normalmente. Disponível gratuitamente na Google Play ou App Store.

